



## CRÍTICA

### Fenda



#### COMECEMOS POR UMA PERGUNTA

a propósito de uma peça que está cheia delas e sobre as quais revela mais inquietações do que respostas. A pergunta é: pode alguém ser quem não é? Pode, sim. Olhe-se o exemplo de Catarina Nunes. No trabalho é um ás; na vida privada é como a maquinista de um comboio a sair dos carris em alta velocidade, impotente para evitar o embate. Em ambos os casos finge, ou cria uma ilusão de controlo enquanto rói a alma. Ninguém dá por nada. Então, talvez a pergunta inicial esteja errada e a que aqui realmente importa seja: pode alguém ser quem é, nesta era de sectarismo, espectáculo e aparências?

Rodrigo Francisco (n. 1981) é um dramaturgo. Pode não se notar, entre o seu trabalho de director da Companhia de Teatro de Almada, do Festival de Almada e de encenador. Porém tem uma pequena mas sólida obra. *Fenda* é, depois de *Quarto Minguante*, em 2007, e do brilhante *Tuning*, em 2010 (nomeada pela SPA para o Prémio de Melhor Texto de Teatro Português), encenadas por Joaquim Benite, apenas a sua terceira peça. E a primeira vez que encena um texto seu cria, sob um manto de realismo, uma atmosfera psicologicamente claustrofóbica (para a qual muito contribui o cenário verticalmente opressivo de Jean-Guy Lecat e a presença obsessiva de câmaras). Parte das dúvidas profissionais de uma jornalista de televisão em confronto com os seus

vários conflitos interiores, que tornam a vida da personagem interpretada por Maria João Abreu um vaivém de emoções descontrolado.

Isto, este enredo, que olha para a situação do planeta através do estado da informação sem condescendência nem demagogia, é dado a ver como uma espécie de policial apresentado em estilhaços. Pedacos que, juntos, mostram como isto (quer dizer: os males do mundo) está tudo ligado. Seja o questionamento profissional e pessoal de Catarina; a sua relação com a ambiciosa Winnie (Mina Andala) e depois com o filho do patrão (João Tempera); a relação de todos com o magnata Simão da Veiga (Diogo Dória), dono de império mediático, manipulador de alto gabarito e ainda mais elevado cinismo, que cruamente recorda como persistem formas de colonialismo e como o capitalismo manobra (e controla) os estados e as democracias; seja, principalmente, a maneira passivo-agressiva e francamente dependente com que se relaciona com Paulo (Pedro Walter), que veio para trazer as coisas da mãe entretanto finada no abandono de um lar, e, com as suas revelações, semeia o vento que se vai transformar em tempestade. Afinal a tempestade em que vivemos – entre o fascínio e a resignação procurando afugentar o mal-estar, isto é, a realidade. ■ *Rui Monteiro*

→ Teatro Municipal Joaquim Benite (Almada).  
Qui-Sáb 21.00, Qua e Dom 16.00. 6,5€-13€.